



Leitura e Escrita: Desafios e Possibilidades no Ensino Fundamental - anos iniciais

*Bruna Hiasmim Pires de Sá Alencar¹; Aurenia Pereira de França²;
Maria do Socorro Cordeiro de Sousa³*

Resumo: O presente trabalho analisa os desafios e as possibilidades da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, como também destaca como desenvolver essas práticas numa concepção reflexiva por meio de suportes textuais adequados com a construção de sentidos. Para tanto, ao utilizar uma linguagem colaborativa na aprendizagem para uma compreensão crítica de mundo, deve-se conhecer e considerar métodos de leitura e escrita que possam facilitar a criatividade do indivíduo. Desse modo, faz-se necessário abordar a importância da leitura crítica para entender o mundo a nossa volta, no desejo de esclarecer o sentido das linguagens que nos cercam. Assim, concebe-se a linguagem como forma de interação e construção de sentido e defende-se a leitura e a escrita como práticas inerentes e substanciais para o processo de ensino-aprendizagem na escola, em especial nos anos iniciais. O aporte teórico para o desenvolvimento da pesquisa se ancora em estudos desenvolvidos por Solé (1998), Paulo Freire (1981, 1997, 1998 e 1996), Zabala (1998), Antunes (2009), Tiba (2012), Barbosa (2006), dentre outros. Este trabalho apresenta uma metodologia de caráter bibliográfico, descritivo, utilizando-se da abordagem de cunho qualitativo com o intuito de aprofundar os estudos da leitura e da escrita. Espera-se, dessa forma, contribuir para o ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais, oferecendo alicerces para as aprendizagens significativas e, com isso, o domínio das inovações tecnológicas que o mundo das linguagens nos oferece.

Palavras-Chave: Ensino Fundamental - Anos iniciais. Leitura. Escrita. Linguagem.

¹ Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC); Email: brunasa1995@hotmail.com;

² Mestra em Ciência da Linguagem na UNICAP -PE, Especialista em Metodologia do Ensino e Especialista em Ciência da Educação Supervisão Pedagógica. Professora da Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC); Email- aurenia.franca@fachusc.com;

³ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. Mestra pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: corrinhacordeiro@gmail.com.

Reading and Writing: Challenges and Possibilities in Elementary School - Early Years

Abstract: This work analyzes the challenges and possibilities of reading and writing in the early years of elementary school, as well as highlighting how to develop these practices in a reflective conception through adequate textual supports with the construction of meanings. Therefore, when using a collaborative language in learning for a critical understanding of the world, one must know and consider reading and writing methods that can facilitate the individual's creativity. Thus, it is necessary to address the importance of critical reading to understand the world around us, in the desire to clarify the meaning of the languages that surround us. Thus, language is conceived as a form of interaction and construction of meaning and reading and writing are defended as inherent and substantial practices for the teaching-learning process at school, especially in the early years. The theoretical support for the development of the research is based on studies developed by Solé (1998), Paulo Freire (1981, 1997, 1998 and 1996), Zabala (1998), Antunes (2009), Tiba (2012), Barbosa (2006), among others. This work presents a bibliographic, descriptive methodology, using a qualitative approach in order to deepen the studies of reading and writing. It is expected, in this way, to contribute to the teaching of reading and writing in the early years, offering foundations for meaningful learning and, with that, the mastery of technological innovations that the world of languages offers us.

Keywords: Elementary School. Early Years. Reading. Writing. Language.

Introdução

O propósito estabelecido nesta pesquisa consiste em possibilitar que professores dos anos iniciais repensem as metodologias abordadas em sala de aula quanto à aquisição da leitura, adotando métodos diversificados e capazes de permitir o reconhecimento do saber do mundo e do outro, reconhecendo a sua dinamicidade absoluta de forma abrangente e fazendo da sua metodologia um verdadeiro poder de transformar o indivíduo leitor e escritor da própria história de vida dele.

Conforme observações e pesquisas realizadas, verificou-se que o papel fundamental da disciplina de Língua Portuguesa se dá em habilitar a leitura e a escrita de forma isolada, logo, os alunos prendem-se somente a gêneros textuais propostos nos livros didáticos, sem contato com a diversidade e pluralidade textual que possibilitam uma compreensão ampla do seu meio social e do mundo. Nesse contexto, os prejuízos à leitura e à escrita desse tipo de ensino começam cedo, quando esses alunos, de alguma forma, são privados de interagirem com uma cultura diversificada em seu meio. Contudo, o indivíduo que ler exerce uma função ímpar no descobrimento do mundo em sua volta, dado que a leitura de algum modo estimula à escrita.

Assim sendo, o referido estudo apresenta-se com a seguinte problemática: como fazer para estimular e despertar o gosto pela leitura e a escrita no Ensino Fundamental - anos

inicias? E como promover a eficiência e a eficácia de leitores e escritores nesse ciclo de ensino? Dessa problemática, decorre como premissa básica o objetivo geral: analisar os desafios e as possibilidades da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental; e os seguintes objetivos específicos: desenvolver a prática da leitura e a escrita numa concepção reflexiva por meio de suportes textuais adequados com a construção de sentidos, utilizar uma linguagem colaborativa na aprendizagem para uma compreensão crítica de mundo e conhecer e considerar métodos de leitura e escrita que possam facilitar a criatividade do indivíduo.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho apresenta-se de caráter bibliográfico descritivo e pesquisa empírica, perpassando pela abordagem qualitativa por interessar a explicação dos fenômenos e não aspectos quantitativos. Dessa forma, o presente estudo tem o intuito de aprofundar o estudo da leitura e da escrita visto os desafios e as possibilidades no Ensino Fundamental e, ao mesmo tempo, refletir sobre as práticas utilizadas por docentes e instituições escolares na melhoria delas; como também visa contribuir para o fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento de métodos que colaborem com a formação de leitores e escritores, formando indivíduos cada vez mais compositores de sua própria história.

Assim, entendendo como essas práticas apresentam o poder de transformar a educação básica, o processo investigativo que norteou esta pesquisa propõe uma metodologia baseada em uma revisão bibliográfica de autores renomados no assunto. Optou-se por uma análise teórica sob a temática leitura e escrita, desafios e possibilidades, e procurou-se seguir seus objetivos, os quais se centram sobre o processo e as dificuldades da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, refletindo sua importância e seus atributos.

Além da introdução em que é apresentada a problemática que deu origem a esta pesquisa, bem como os objetivos e os motivos que justificam a sua realização, no tocante à organização, ela está dividida em quatro tópicos, a saber: o primeiro refere-se à leitura e suas práticas nos anos iniciais do Ensino Fundamental; o segundo tópico traz uma breve reflexão sobre o ambiente escolar e a formação do leitor; o terceiro apresenta a construção do conhecimento da leitura e escrita; e o quarto discute a construção do conhecimento na leitura e na escrita como duas ações indissociáveis.

A Leitura e Suas Práticas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

É notório que a leitura faz-se de suma importância para os anos iniciais, sendo insubstituível por avanços tecnológicos, apesar de que as tecnologias e suas nuances vêm auferindo cada vez mais lugar na vida das crianças. Sendo assim, torna-se desafiador para os educadores engajar a prática literária em suas salas de aula, já que muitas vezes as instituições de ensino não disponibilizam acervos literários atrativos para o desenvolvimento dessa prática.

A prática leitora deve ser introduzida na vida das crianças, desde seus primeiros passos, pela família e, em seguida, pela escola. Portanto, para que as crianças agucem seu interesse pela leitura, é necessário que elas cresçam ouvindo contações de histórias em meio a acervos literários atrativos, isto é, tenham contato com esse universo tributador, que é o livro. Essa prática faz-se ainda mais importante na vida desse público infantil, já que este disponibiliza de uma característica ímpar, que é a curiosidade, e isso torna a leitura interativa em sua compreensão e significados, conforme explicita Solé (1998).

Para que uma criança se sinta envolvida na tarefa de leitura ou simplesmente para que se sinta motivada com relação a ela, precisa ter alguns indícios razoáveis de que sua atuação será eficaz, ou pelo menos, que ela não vai consistir em um desastre total. Não se pode pedir que o aluno para o qual a leitura se transformou em um espelho que lhe devolva uma imagem pouco favorável de si mesmo tenha vontade de ler. Só com ajuda e confiança a leitura deixará de ser uma prática enfadonha para alguns e poderá se converter naquilo que sempre deveria ser um desafio estimulante. (SOLÉ, 1998, p. 2).

Por diversas vezes, nos deparamos com alunos desmotivados em relação à leitura convencional, isso se dá, entre outros motivos, por falta de incentivo, ou seja, se a criança chega na idade escolar e não encontra uma atração significativa pela leitura, possivelmente ela se tornará incrédula no que diz respeito a essa prática. A motivação tende a ser caracterizada de acordo com a necessidade do aluno, para que a leitura não seja feita de maneira monótona e fadigária. Nesse viés, o estímulo ocorre através de métodos inovadores e desafiadores para que o aluno veja nessa prática um mundo de fantasias e consiga viajar além da sua imaginação, buscando a criticidade e o domínio do seu próprio ritmo e a confiança em si mesmo. A autora ainda enfatiza que:

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. (SOLÉ, 1998, p. 72).

Às vezes, as pessoas pensam que a aprendizagem leitora é função única e exclusiva do ambiente escolar, mas existe um processo anterior construído, desde o nascer do sujeito, em que ele passa por diferentes situações do seu cotidiano e recebe informações de diferentes canais. Ao chegar na escola, essas informações vão sendo aproveitadas e ampliadas pelo professor, o que facilitará muito à compreensão e a criticidade do indivíduo. Nesse sentido, considera-se um sujeito crítico quando este for capaz de construir, questionar, transferir e modificar o que aprende, através da leitura.

Em seguida, discutiremos sobre o ambiente escolar e a formação do leitor.

O Ambiente Escolar e a Formação do Leitor

“A escola é o ambiente que nos proporciona o saber”, lá somos incitados a pensar, a ler, a escrever, a falar e a interagir e isso representa “poder”. Nossa meta está relacionada a possibilidade de aprofundar uma proposta de ensino-aprendizagem da leitura, buscando maior especificidade nas intervenções didáticas, para que se mostrem mais apropriadas ao desenvolvimento da compreensão leitora e da capacidade de desfrutar dessa atividade.

A alfabetização, de acordo com Freire (1981, p. 13), “é a criação ou a montagem da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Até tem ele um momento de sua tarefa criadora”. Dessa maneira,

O alfabetizando, antes mesmo de ter compreensão sobre a leitura da palavra conhece a leitura do mundo, sendo através dessa uma “ponte de acesso” para o caminho daquela direção, contudo, após o conhecimento da palavra, o entendimento do mundo se amplia, constatando-se, dessa forma, que a ideia de conhecimento é “roda de ciranda” entre mundo e leitura, quanto mais explorados esse campo, mais se expande o saber. [...]A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete, a leitura do mundo anterior. (FREIRE, 1981, p. 23).

Diante disso, conclui-se que o percurso necessário para a formação de um leitor que inicia antes da escolarização passa por um ensino sistematizado nos bancos escolares e se prolonga a vida afora. Levando-se em conta que a constituição de leitores é um processo cujo início acontece antes do ensino formal da língua escrita, a criança que vive situações sociais nas quais a prática de leitura está presente, então, por meio dessa experiência, desenvolve o aprendizado das competências necessárias para a realização dessa prática. Além do mais, conforme nos lembra Zabala (1988), para aprender é indispensável que haja clima e ambiente adequados, constituídos por um marco de relações em que predominam a aceitação, a

confiança, o respeito mútuo e a sinceridade. Deste modo, a “aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o espaço”. (ZABALA, 1988, p. 100).

Nesse contexto, encontram-se as dificuldades de aprendizagem na escola, as quais são consideradas uma das causas que levam ao fracasso escolar. Não se pode considerar o fracasso do aluno a ser entendido como fracasso da escola, posto que, muitas vezes, ela não sabe lidar com as diversidades e seus alunos. Mediante essa problemática, deve-se levar em consideração o meio social de cada um e vincular métodos de ensino-aprendizagem diferenciados para cada tipo de dificuldade apresentada. Ademais, é importante que haja um vínculo maior entre professor e aluno, a fim de que venha a ocorrer uma melhor prática em sala de aula, buscando sempre motivar, construir e reconstruir suas práticas e, assim, melhorando a aprendizagem dos estudantes.

Dessa forma, o aluno precisa ser o autor, o protagonista de sua história, tendo isso em vista, o professor deve levá-lo a pensar e buscar informações para que ele se desenvolva gradualmente. Na realidade, para compreender os problemas que surgem na aprendizagem, faz-se necessário um processo de intervenção, fora isso não existiria a compreensão deles, os quais devem ser analisados dentro de parâmetros interativos para que haja a sua superação e, por conseguinte, a aprendizagem. A esse respeito, Antunes (2009, p. 188) coloca que:

Talvez, a versão também ingênua de que cabe exclusivamente a escola ensinar e de que somente se aprende na escola, tenha favorecido a omissão de muitas instituições sociais, que, assim, transferem para a escola toda a responsabilidade de promover a ampliação das competências em linguagem. Em se tratando da leitura, também é mantida essa crença ingênua de creditar tudo a escola.

Desse modo, hoje em dia, não se pode falar que o papel de um professor é educar um indivíduo, esse papel se dá em conjunto entre escola e família. Esta ainda é a peça fundamental no desenvolvimento da escolarização dos filhos. Tal fato merece um destaque especial, já que é no seio familiar que o indivíduo desenvolve os valores, a ética, a moral e os aprimoram no meio escolar. Logo, é através dessa relação harmoniosa entre escola e família que se dá a sua formação intelectual e cultural. As famílias, por seu turno, estão cada vez mais com menos tempo de convivência com os filhos por conta das sobrecargas acarretadas pelo trabalho, com isso, as dificuldades na aprendizagem surgem e não se sabe de quem é a culpa. Portanto, as famílias devem ser os maiores incentivadores dos seus filhos, vendo a escola como sua aliada nesse processo de construção e solidificação dos conhecimentos deles, os quais têm sempre algo a aprender. Conforme Tiba (2012, p. 87):

Conhecimento é transcender o seu mundo para alcançar uma altura que jamais atingiria se não se aplicasse nos estudos. Quem sabe ensina, e a criança quando aprende, quer ensinar. Já quem não sabe tem de aproveitar a oportunidade para aprender. Ao praticar o que aprendeu a criança logo está ensinando e, ao mesmo tempo, aprendendo algo que não há como ensinar com palavras, mas sim por meio da ação: mesmo quem já sabe tanto como o pai tem sempre o que aprender.

Portanto, o mundo mágico da aprendizagem sempre nos traz novas oportunidades de descobrir o novo. Essa aprendizagem começa na família e transcende além da escola, sendo um universo de descobertas e conquistas que perdura para toda a vida. Nesse sentido, cabe à família desenvolver a prática de leitura em casa, através de leitura feita pelos familiares e a contação de histórias a fim de desenvolver a linguagem tão necessária aos homens e mulheres em todos os tempos, enquanto existir sociedade humana no planeta.

A seguir, discorreremos sobre a construção do conhecimento da leitura e da escrita.

A Construção do Conhecimento da Leitura e da Escrita

O desafio da leitura nos impõe dizer que a sua função na educação escolar centra-se, especialmente, na leitura como objeto de conhecimento, instrumento necessário para a realização de novas aprendizagens, afirma Solé (1998, p. 21). A autora ainda reforça que a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. É esperado que uma criança, ao entrar no universo escolar, já venha acompanhada de um amplo conhecimento de mundo, este transferido por seus familiares em seu meio de convivência, assim, ela deve ser incentivada a ler e escrever, bem como compreender a importância desse processo para seu desenvolvimento na comunicação do dia a dia.

Diante disso, faz-se necessário que a criança perceba-se nesse universo desconhecido, a ser descoberta por meio da leitura e da escrita, já que essas práticas têm que ser vista além das letras, a se criar além das palavras. Nesse contexto, a leitura e a escrita fazem parte da nossa vida desde que chegamos ao mundo, quando ainda não temos o entendimento, e vai além da habilidade de decifrar sinais gráficos ou códigos, promovendo outros saberes no encontro entre texto e leitor.

Sobre isso, Freire (1989, p. 09) destaca que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se

prendem dinamicamente, a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto [...].

Nesse viés, é possível perceber que o professor não pode se tornar um narrador se ele próprio não encontra prazer em narrar, se não tem oportunidade de desenvolver o senso estético que lhe permita vivenciar situações de leitura. E é esse professor que tende a propiciar aos alunos o contato com diversos gêneros textuais, estimulando-os e oportunizando-os a buscar o sentido daquilo que se lê e escreve. Desta forma, se estabelece a relação com várias áreas do conhecimento, possibilitando-os a uma aprendizagem reflexiva e com significados.

No entanto, o processo da leitura e da escrita nas séries iniciais vem a cada dia preocupando alguns teóricos, devido ao grande índice de estudantes que concluem o ensino fundamental das séries iniciais sem desenvolver as habilidades propostas da leitura e da escrita, o que tem afetado significativamente o desenvolvimento das crianças no requisito aprendizagem. Conforme Antunes (2009, p. 81),

[...] compor um texto é mais do que organizar na linha do tempo, ou sobre o papel, uma sequência de palavras, ainda que sob o cumprimento dos padrões da gramática da língua. Compor um texto é na verdade, promover uma interação, ao mesmo tempo, linguístico e social. Inclui a intromissão de um sujeito, com propósitos prévios e empenhos sucessivos, para que se crie e se mantenha o caráter funcional da produção linguística.

Nessa linha de pensamento, pode-se afirmar que a escrita e a produção de texto se dá por meio de um conjunto de relações entre linguagem e grafemas. Assim, destaca-se o conhecimento dos padrões linguísticos que se caracteriza do meio contextual em que o indivíduo estará inserido. Considerando que alfabetização e letramento são processos distintos, mas dependentes, no requisito aprendizagem, eles tornam-se indissociáveis na aquisição do conhecimento e na transformação intelectual da criança. O meio social no qual a criança em processo de aprendizagem está inserida também pode propiciar no desenvolvimento do seu intelecto, já que é por meio dele que a cultura literária se faz presente nas escolas, na família e na sociedade como ferramenta de transformação do indivíduo. Segundo Antunes (2009, p. 107),

É evidente que o sujeito, até mesmo de forma bem intuitiva e natural, selecione o que dizer dentro do grande conjunto das “informações possíveis”, inclusive quantitativamente, para dizer apenas o que é relevante, é exatamente optar por aquilo que não pode deixar de ser dito, pois se o for, faz falta.

Com isso, na construção do sistema da escrita, leva-se em consideração a escolha do que se vai escrever, tornando de essencial importância ter cautela nessa escolha. Para tanto, é preciso

fundamentar-se em um contexto que tenha sentido e, principalmente, que faça parte dos acontecimentos corriqueiros da vida da criança, já que ela busca significado para o desenvolvimento da escrita no seu dia a dia, logo, no discurso escrito, cabe ao indivíduo dizer o que deve se tornar explícito no seu processo de construção.

No tópico a seguir, refletiremos a leitura e a escrita como duas ações indissociáveis.

Leitura e Escrita: duas ações indissociáveis

A leitura e a escrita entra na vida das crianças muito cedo. Às vezes, os pais nem percebem, mas, no cotidiano de uma criança, ela se depara com um universo letrado a sua volta, através de objetos, brincadeiras, brinquedos, televisão, celular, livros infantis, jogos, enfim, é um universo que só precisa ser adaptado para a sua compreensão. Essas fontes inesgotáveis de estímulos com as quais a criança tem contato direcionam a alfabetização quando bem conduzidas e aproveitadas pelo professor alfabetizador.

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma “cantiga de ninar”. [...] É preciso que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar mais perguntas, reconhecer. (FREIRE, 1996, p. 86).

É evidente que, para haver a aprendizagem no ensino da leitura e da escrita, o professor, como protagonista em sua sala de aula, não obterá bons resultados se não ouvir seu aluno. Além do mais, o estudante tende a tornar investigador nato, posto que o desenvolvimento do ser humano se dar por sua curiosidade e na busca do novo, assim sendo, tal curiosidade deve ser aproveitada da melhor maneira pelo professor, bem como as aulas carecem ser planejadas de acordo com os interesses dos seus alunos, a fim de conseguir manter a turma em um nível de motivação pelas atividades que envolvem essas práticas e interesse de buscar o equilíbrio na aprendizagem, visto que esse processo requer um enfoque tanto do professor quanto do aluno.

Sobre isso, Barbosa (2006, p. 236) comenta que:

Quando encontrarmos na escola um aprendiz com dificuldades para aprender precisamos, além de conhecer o sintoma, ou seja, a dificuldade apresentada, observá-lo e entender como ela acontece naquele momento, o papel do contexto no seu aparecimento e, também, estudar a gênese da dificuldade através da história do aprendiz.

Todo aprendiz, ao chegar à escola, traz consigo uma bagagem ampla, algumas vezes positiva e outras vezes negativa. Nesse sentido, cabe a escola, juntamente com o professor, aproveitar essa bagagem da melhor maneira possível na busca do desenvolvimento do indivíduo. As dificuldades enfrentadas na aprendizagem, principalmente no desenvolvimento da leitura e da escrita, também tendem a ser investigadas e tratadas de forma gradual por ação conjunta entre escola e professor, para que esse indivíduo não se torne mais um a ser deixado de lado, por não “aprender”.

Ademais, aprender a ler depende de como o indivíduo se familiariza e convive com a escrita, não sendo, necessariamente, uma questão de “inteligência” ou facilidade em aprender. Ao conhecer a história do aprendiz, esse processo se tornará mais fácil de se desenvolver, já que os educadores, a partir desse contexto, trabalhem na busca da resolução das dificuldades na aprendizagem.

Considerações Finais

O processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita se tornou um grande desafio para a atualidade, tendo em vista o uso das ferramentas digitais, especificamente quanto ao celular e à televisão que apresentam inovações mais atrativas aos olhos dos estudantes. Assim, ainda é um desafio para o professor lidar com tais inovações as quais se apresentam a todo instante e em todas as esferas da vida, principalmente, na linguagem em que elas se propagam e se consolidam socialmente.

Por isso, faz-se necessário que essas práticas sejam vistos com um olhar mais apurado pelos profissionais da educação e pelas instituições escolares, introduzindo em suas metodologias uma proposta pedagógica que dê suporte ao pleno desenvolvimento delas. Isso porque é por meio da leitura e da escrita que o indivíduo realiza um trabalho ativo de construção e significados, correspondendo a um processo de compreensão de como funciona os símbolos linguísticos e seus significados. É preciso alimentar a imaginação dos estudantes, compartilhar leituras e oferecer experiências de fruição para que descubram os encantos da leitura e escrita, como uma forma de arte que possibilitem conhecer melhor a si mesmos, ao mundo e a tudo que os cerca, a fim de que tornem-se pessoas mais sensíveis, críticas e criativas.

Deste modo, este trabalho trouxe contribuições significativas, pois a pedagogia possibilita refletir o quão importante e enriquecedor foram os momentos de aprendizagens e conhecimentos adquiridos durante este estudo.

Referências

- ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino**. Outra Escola Possível. São Paulo: Ed. Parábola, 2009.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 23 Ed. São Paulo. Ed. Cortez, 1981.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: Em Três Artigos que Se Completam**. 23ª Ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não: Cartas a Quem Ousa Ensinar**. São Paulo. Ed. Olho d'água, 1997.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- TIBA, Içami. **Pais e Educadores de Alta Performance**. São Paulo: Integrante Editora, 2012.
- ZABALA, Antonio. **A Prática Educativa**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

ALENCAR, Bruna Hiasmim Pires de Sá; FRANÇA, Aurenia Pereira de; SOUSA, Maria do Socorro Cordeiro de. Leitura e Escrita: Desafios e Possibilidades no Ensino Fundamental - anos iniciais. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 502-512, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 08/10/2021;

Aceito 24/10/2021;

Publicado em: 31/10/2021.